

# O vínculo de António Barbosa Aranha e Ana Baldaia em Ponte de Lima<sup>[†]</sup>

*Miguel Ayres de Campos Tovar<sup>[\*]</sup>*

A 10 de Abril de 1565 testavam nas suas casas de morada do arrabalde de Além-Ponte, junto à entrada oeste de Ponte de Lima, António Barbosa Aranha e Ana Baldaia. Contados entre a gente principal do burgo e providos de apreciável fortuna, era sua disposição instituir um vínculo e fundar uma vistosa capela familiar na matriz daquela vila, colocando-a sob a invocação da virgem do Rosário.

António Barbosa Aranha não era nativo da povoação onde veio prosperar e a encabeçar o seu morgadio. As origens da família estavam a jusante, no porto de Viana, onde na geração de seu bisavô os Aranhas haviam conquistado fama enquanto partidários indefectíveis do Mestre de Avis. Contando-se entre os últimos dos muitos filhos de Rui Vaz Aranha<sup>[1]</sup>, a sua carreira correu sob o patrocínio da coroa, que veio a servir por largos anos à cabeça do almoxarifado de Ponte<sup>[2]</sup>. A preeminência local e os fartos cabedais que granjeou nesta posição são bem ilustrativos das oportunidades que a burocracia do estado então começava a oferecer às elites regionais, e particularmente aos seus secundogénitos. A busca de proventos próprios tê-lo-á também movido a buscar propriedade pelo casamento com uma herdeira como Ana Baldaia — procedente da velha fidalguia limiana de fundo rural, era esta senhora filha de Duarte Quinteiro e de sua mulher Isabel Amorim, detentores de farto património fundiário na freguesia de Fornelos<sup>[3]</sup>.

A capela que o casal incumbia os seus herdeiros de edificar inseria-se num espaço de grande prestígio, que se vinha constituindo como mostuário

dos proventos e das dignidades da elite concelhia, e onde se encabeçavam já alguns opulentos morgadios<sup>[4]</sup>. Não descurando as funções de representação pública que cumpria, quiseram os testadores zelar pelo seu maior aprumo, mandando que se fizesse “muito boa de abobeda com seu portal bem lavrado e obrado”, e que fosse provida de “hum retabolo muito bom”. Rematando o arco que comunicava com a nave, cumpria aporem-se-lhe à vista do vulgo “as armas de Barboza”, e no pavimento as campas necessárias, com seus “monumentos e todo o mais”<sup>[5]</sup>.

O património vinculado para sustento do culto, bastante disperso, compreendia os seus casais de Ranhados e do Pé de São Miguel, na presente freguesia de Refóios, e o da Veiga da Rebitada em Arcozelo, junto a Ponte de Lima, bem como algumas terras na freguesia de Moreira do Lima, sitas no lugar da Corredoura. Somavam-se-lhe as casas em que viviam e seu pomar, no dito lugar de Além-Ponte, e outras no Arrabalde de São João de Fora, no quadrante norte da vila, com as respectivas rendas.

O extenso testamento de António Barbosa Aranha e Ana Baldaia é ambicioso nas obrigações pias que exige dos administradores, estipulando quatro missas semanárias — “segunda feira dos Fieis de Deos, os quais roguem a Nosso Senhor por nossas almas e dos nossos antepassados [...], quinta-feira a honrra do Espirito Santo, sexta-feira a honrra da Paixão de Nosso Senhor que lembre de nossas almas pella Sua Mizericordia, ao sabado outra missa a honrra de Nossa Senhora do Rozario”. Somavam-se-lhes missas cantadas em todas as festas da Virgem. O instrumento é também minucioso nas condições que impõe à tramitação sucessória, estabelecendo a obrigação de uso do apelido Barbosa e (mais invulgarmente) a de que os seus administradores vivessem num raio de quatro léguas da sede vincular. Talvez ecoando ainda os brios dos velhos Aranhas vianenses, determina-se que além de bons cristãos devem ser irrepreensíveis na fidelidade ao rei de Portugal, e limpos de toda a mácula de crime, “como se aquelle que o tal cometera não fora nassido”<sup>[6]</sup>. Mais lhes incumbia anexarem em cada sucessiva geração o terço dos respectivos bens ao património do morgadio.

A administração seguiu linearmente na descendência dos instituidores por sua filha Inês Barbosa durante quatro gerações. Por meados do século XVII, a morte da última administradora Ana Pinheiro de Lacerda no convento

de Vairão, onde recolhera sem geração, fez estalar um porfiado pleito judicial entre parentes — que pelo seu carácter intrincado mereceu honras de caso-de-estudo no clássico tratado de Manuel Álvares Pegas sobre o instituto do morgadio<sup>[7]</sup>. Não obstante ter inicialmente tomado posse dos bens Francisco Barbosa Aranha, bisneto dum irmão do fundador, a sentença, dada a 2 de Janeiro de 1673, acabou por se relevar favorável ao desembargador Simão Pereira Barbosa, neto de sua irmã Ana Barbosa — razoando o juiz João de Carvalho Henriques que, fazendo-se a sucessão por colaterais, a proximidade de grau tomava preponderância sobre o valor da varonia<sup>[8]</sup>. Porque esta linha se extinguiu uma geração volvida, apresentou-se sob o mesmo argumento a de outra irmã, Inês Barbosa, em cuja descendência se manteve.

Ainda que a batalha legal tenha sido custosa e desgastante para a família, o vínculo dos Barbosa Aranha acaba por se revelar de difícil gestão, pelos seus pesados encargos e frutos comparativamente magros. Em 1776, no quadro da campanha pombalina contra os pequenos vínculos de escasso património, a então administradora Feliciana Quitéria Antas de Barbosa, moradora na quinta do Golfeiro em Refóios do Lima, logra provisão régia para a sua abrogação. Fica aberto o caminho para que, a 8 de Maio de 1782, seu filho herdeiro José Lourenço da Gama Araújo Azevedo Antas Barbosa aliene a capela do Rosário, firmando escritura de venda à Irmandade de Nossa Senhora da Expectação no valor de 80.000 réis<sup>[9]</sup>.

Do documento então lavrado extraímos que esta corporação, uma das muitas que então abarrotavam o teatro litúrgico da matriz, se dispunha a usar o espaço para “goardar seus móveis”, e também para servir de sacristia quando necessário fosse. Em 1808, no entanto, já devia ter recebido propósito mais digno, porque a 21 de Janeiro desse ano os oficiais estipulavam a feitura dum retábulo dedicado à nova invocação, em substituição do primitivo. Pela mesma altura se procedeu à abertura de frestas, conserto do forro e lajeamento<sup>[10]</sup>, saldando-se os trabalhos provavelmente no desaparecimento das lápides sepulcrais dos fundadores e mais morgados. Com a infeliz intervenção sofrida por todo interior da matriz em 1958-61, também este recheio lhe foi arrancado; é hoje, salvo pela boa fábrica da sua estrutura, um espaço pobre e incaracterístico, albergando o baptistério da paróquia.

[†] Uma versão abreviada do presente texto foi publicada no âmbito da resenha “Vínculo do mês/ *Entail of the month*” no site do projecto VINCULUM, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disponível *online* em <https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/entail-of-the-month/entail-of-antonio-barbosa-aranha-and-ana-baldaia/> [consultado a 12/2/2024]

[\*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[1] Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário de famílias de Portugal*, Braga, Carvalhos de Basto fac-símile da 1.<sup>a</sup> edição, 1989, vol. 1, pp. 468-469 (tt.<sup>o</sup> de Aranhas, § 42, N 8).

[2] ANTT, Chancelaria de D. João III, Doações, ofícios e mercês, liv. 41, fl. 158<sup>v</sup>.

[3] ACA, *Mostrador dos vinculos e prazos e mais bens que tem esta Casa de N. Sr.<sup>a</sup> d'Aurora do Arrabalde de Ponte de Lima...* [1840], ms. sem cota atribuída, fls. 14-16<sup>v</sup>

[4] Caso daquele que Inês Pinta, viúva do também almoxarife Lopo Pereira, instituiu na base da sineira (1540), ou do que aí enca-beçou o P.<sup>e</sup> Francisco dos Guimarães, abade de Prozelo (1589), ambos com belas capelas ainda subsistentes.

[5] ACA, Testamentos, instituições de vínculo e subrogações, doc. 66, fl. 14<sup>v</sup>

[6] *Ibid.*, fl. 12<sup>r-v</sup>.

[7] Manuel Álvares Pegas, *Tractatus de exclusione, inclusione, sucesione et erectione majoratus... pars secunda...*, Lisboa, Sumptibus Antonii Leyte Pereyra, 1687, pp. 327-337.

[8] *Ibid.*, p. 328.

[9] ACA, Testamentos, instituições de vínculo e subrogações, doc. 66 [apêndice], fl. 3.

[10] Paula Cardona, *O perfil artístico das confrarias em Ponte de Lima na época moderna*, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2010, p. 70.

### **Abreviaturas utilizadas**

ACA - Arquivo [particular] da Casa de Aurora  
ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

### **Fontes e bibliografia**

#### **Fontes manuscritas**

ACA, Testamentos, instituições de vínculo e subrogações, doc. 66, instituição do vínculo de António Barbosa e sua mulher Ana Baldaia [e apêndices]

—, *Mostrador dos vinculos e prazos e mais bens que tem esta Casa de N. Sr.<sup>a</sup> d'Aurora do Arrabalde de Ponte de Lima...* [1840], ms. sem cota atribuída

ANTT, Chancelaria de D. João III, Doações e mercês, liv. 41, fl. 150<sup>v</sup>

### **Bibliografia**

Cardona, Paula, *O perfil artístico das confrarias em Ponte de Lima na época moderna*, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2010

Gaio, Manuel José da Costa, *Nobiliário de famílias de Portugal*, Braga, Carvalhos de Basto, fac-símile da 1.<sup>a</sup> edição, 1989, vol 1

Pegas, Manuel Álvares, *Tractatus de exclusione, inclusione, sucesione et erectione majoratus [...] pars secunda [...]*, Lisboa, Sumptibus Antonii Leyte Pereyra, 1687